

EDITORIAL
MAGAZINE

ANO XVI | 2014
R\$ 17,00
www.casaemercado.com.br

148 CASA & mercado

ISSN 1518-1087



Cozinhas⁺



COIFAS: DESIGN ARROJADO
e novas tecnologias

COBRIMOS REVESTIR, FEICON, GIP
Abup, Paralela, Craft e Movelsul

CAU DEFENDE OS DIREITOS
autorais na arquitetura



Quente, muito quente!

Por: Carlos Hummig **Imagens:** Marcelo Magnani e Ricardo Breda

Roberto Borja aposta no vermelho para aquecer cozinha gourmet.

Obra não é coisa fácil. O cliente deste projeto, um arquiteto de formação que não atua na área, estava frustrado: "Dois profissionais já haviam projetado para ele, mas não o convenceram", afiança Roberto Borja, o terceiro arquiteto a entrar em campo nesta obra de 900 m² e três pavimentos em um condomínio fechado, localizado em São Bernardo do Campo (SP). O sonho levou 18 meses para ficar pronto. "Como também assino, além da arquitetura, os interiores, os proprietários deram carta branca para que eu desenvolvesse o projeto de acordo com o que eu achava ser o mais adequado.

01. Ampla, a cozinha gourmet é marcada pelo visual arrojado. Ao fundo, a parede curva foi revestida com pastilhas Vidrotit, as mesmas que aparecem na bancada para refeições rápidas. As linhas das cadeiras brancas italianas fornecidas pela Montnapoleone chamaram a atenção do especificador, que fez questão de adicioná-las ao projeto. Sobre a bancada, bateadeira e liquidificador KitchenAid.

02. A marcenaria da Formaplas foi escolhida, segundo Roberto Borja, devido "a sua beleza e facilidade de organização". O tampo especificado na bancada gourmet é de Silestone Vermelho Estelar. Reunidos na parede diagonal à esquerda, os eletrodomésticos embutidos são Viking, assim como o cooktop e a coifa. O branco também aparece no teto e em algumas paredes. A tinta usada é da Sherwin-Williams.





03



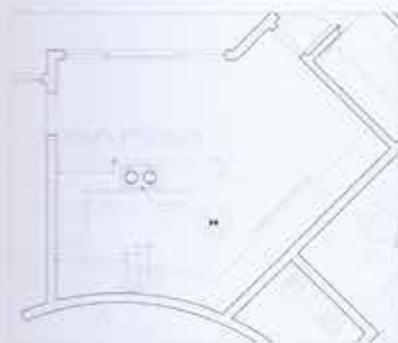
04

Isto facilitou bastante”, afirma Roberto. Essa liberdade, porém, foi guiada pelo desejo dos moradores por um projeto arrojado e clean. Como a vida da família do empresário do ramo dos cosméticos é bem corrida, Roberto integrou os espaços. A cozinha foi projetada no pavimento térreo, ao lado da sala de jantar, em um local onde há abundância de iluminação natural devido à proximidade com a área externa. Na decoração do ambiente, Roberto apostou na base que combina o preto com o branco, deixando para o vermelho a tarefa de dar vida, personalidade e de aquecer o ambiente. “Gosto de usar cores quentes em espaços de refeição, principalmente nos mais amplos. Quanto maior, melhor a aplicação desse tipo de cor”, assinala. Nas bancadas, o Corian branco chama a atenção pelo seu visual etéreo. A marcenaria, também alva, dá a sensação de continuidade. Efeito visual esse que é igualmente quebrado pelo piso em granito no padrão diamante negro que o arquiteto especificou. ♥

03. Detalhe da bancada multifuncional em Corian, encostada na parede. Ela tem fator organizacional, já que Roberto projetou dispensers, porta-temperos e até escorredor de pratos. A baixela italiana, pintada à mão, é do cliente: está na família há três gerações.

04. A torneira da Altero atende à cuba dupla, da Mecal. Tudo para facilitar a arte de cozinhar.

Planta baixa: próxima à área externa, a cozinha é inundada de luz natural.



Localização: São Bernardo do Campo (SP). Área total: 24 m².
 Marcenaria: Formaplas. Eletrodomésticos: Viking e KitchenAid. Metais: Altero e Deca. Cadeiras: Montenaполеone.
 Bancada: Corian by Formaplas. Cuba: Mecal.
 Pastilhas: Vidrotel. Tinta: Sherwin-Williams.
 Persianas: Uniflex. Iluminação: Lustres Irie. Televisão: LG.



+ profissional

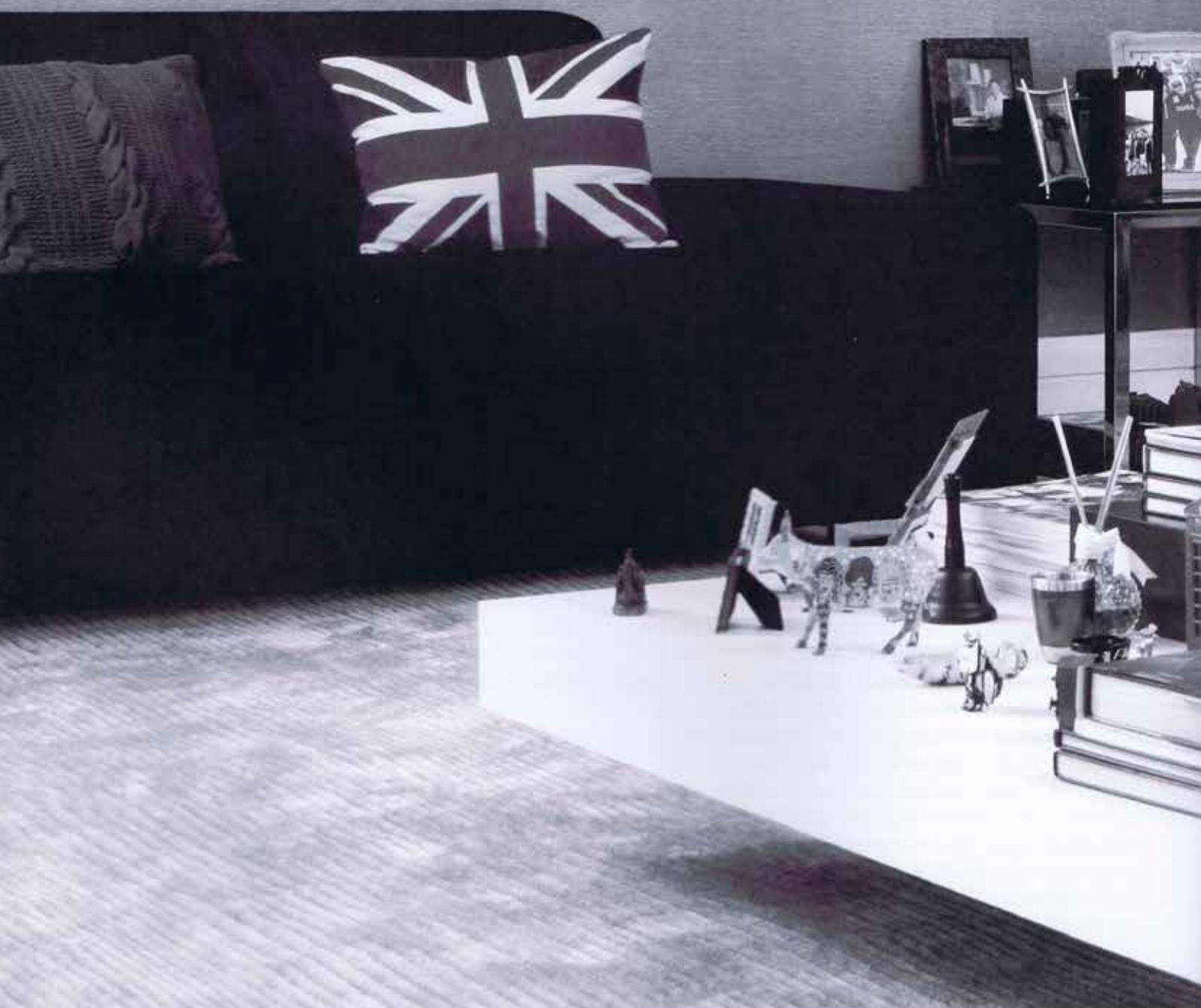
Roberto Borja
 Formação: arquitetura
 Tempo de atividade: 16 anos

“Integrei os espaços para os moradores sentirem prazer no convívio diário”.

Ousadia total

ARQUITETO E ULTRAMARATONISTA,
ROBERTO BORJA CONTA
A SUA TRAJETÓRIA.

Por: Carlos Hummig • Imagens: Ricardo Breda





Roberto Borja perfil

Roberto Borja começou a trabalhar aos sete anos de idade na lavoura do pai. "Sou paranaense de Santa Amélia. Família grande, de onze irmãos, e lá no sítio plantávamos a chamada *lavoura branca*: algodão, milho e feijão. Já pegava no batente, mas era muito pequeno, então fazia serviços mais leves", lembra-se. Depois de a família de agricultores perder toda a colheita por três anos seguidos, o patriarca decidiu que iriam mudar-se para Santo André (SP). "Ele falou que não dava mais, estava cansado e apostou na nossa educação. Naquela região poderíamos estudar, no máximo, engenharia agrícola", relembra o arquiteto.

Depois de fazer um teste vocacional, na oitava série, que apontou a arquitetura como uma das opções ideais, decidiu fazer um curso de desenho de arquitetura. Passou no processo seletivo da Escola Técnica Júlio de Mesquita, em Santo André (SP), e logo no primeiro ano foi bater na porta de um dos escritórios mais famosos da região daquela época, atrás de estágio. O entusiasmo de Roberto acabou por ajudá-lo a construir uma base profissional muito sólida.

"Quería ver o que ele tinha, pois todo mundo falava que ele era o melhor arquiteto, queria ver como funcionava o seu escritório, queria aprender, estar no meio. Sabia que quanto mais rápido estivesse no meio, mais cedo alcançaria o sucesso profissional", afirma. Acontece que tudo o que Roberto ouviu do tal arquiteto foi um sonoro não. "Ele falou que o estágio era somente para alunos do último ano, que eu não sabia nada e que não tinha paciência para me ensinar", recorda. Já na porta do escritório, indo embora, ouviu um rapaz perguntando se era ali que estavam precisando de *office-boy*. Roberto deu meia-volta e se candidatou ao cargo. "Paguei para ver. Ele me aceitou e depois de seis meses fui promovido ao cargo de projetista. Comecei a trabalhar junto com ele e foi super bacana, porque via tudo o que ele fazia de certo e de errado", lembra.

Depois dessa experiência, Roberto ficou mais confiante de que era aquilo mesmo que queria para a vida e decidiu fazer outro curso, o de tecnologia de construções civis, no Mackenzie. "Quería resolver logo a minha vida e como esse curso era de três anos – e não de cinco, como o de arquitetura –, poderia começar a atuar mais cedo no mercado". E foi o que ele fez. Concluiu o curso, fundou uma construtora e, enquanto trabalhava, aliou os compromissos profissionais com a faculdade de arquitetura na Universidade do Grande ABC, em Santo André (SP). Segundo o arquiteto, a construtora o obrigou a trancar a faculdade porque ela cresceu rapidamente e de forma desorganizada.



"Tive que parar para fazer um MBA em administração na FGV [Fundação Getúlio Vargas]", recorda. Com os conhecimentos necessários e a construtora em ordem, Roberto pôde finalmente terminar a faculdade de arquitetura para dar prosseguimento ao que ele realmente gosta de fazer: desenhar casas. "Desde o começo me foquei em residências, sempre gostei desse tipo de arquitetura. É muito bacana mexer com os sonhos das pessoas. Gosto de bater papo, de conversar com o cliente e de ficar seu amigo. Me direcionei muito a essa parte do atendimento", assinala.

Mas, para chegar até esses clientes, Roberto apostou em estratégias peculiares. Uma delas foi o investimento em publicidade. O arquiteto colocou todo o salário de um mês em anúncios naquelas folhas de papel que ficam em cima das bandejas de alguns restaurantes. "Nunca tive tanto retorno", garante. Outra estratégia consistia em abordagens "sem querer querendo" em condomínios de alto padrão. "Sou ousado. No começo, ia até os condomínios e ficava em frente de um lote, como se estivesse esperando um cliente. Passava um carro bom e eu pensava 'talvez ele tenha um lote aqui'. Então, eu dava uma volta e o abordava, começava a conversar com ele, dizia que era arquiteto. Todo sábado ia aos loteamentos e ficava passeando à procura de clientes", lembra.

"Projetos executados em loteamentos ganham visibilidade. Se você faz um trabalho bacana, os proprietários dos outros lotes te procuram. 70% dos projetos vêm de vizinhos que gostaram de uma casa em execução", afiança. Pode ser engraçado, mas tudo isso funcionou: um trabalho chamou outro e hoje Roberto soma mais de 120 mil m² construídos de residências de alto padrão. Entre arquitetura e design de interiores, Roberto prefere ficar com os dois. "Procuro trabalhar o projeto inteiro. Na minha arquitetura, o projeto já sai com o design pronto, pensado", ressalta.

Arquitetura essa que ele define como contemporânea, mas que também não tem nenhuma vergonha de passear por outros estilos. "Na verdade, sou eclético. Por exemplo: tenho uns clientes que moraram na França e queriam algo com ar mais provençal. Fiz o que desejavam e ficou lindo, maravilhoso; eles simplesmente amaram. Acho que o arquiteto tem que saber ouvir", decreta.

Outro projeto que ficou gravado em sua memória é o de uma casa no Líbano, em Sidon, a 48 km de Beirute. "A cidade fica em uma montanha. No verão faz 40° e no inverno, -30°. Tive que ir para lá, fazer um grande estudo de materiais e implantação porque o cliente queria um projeto moderno, como os que eu costumo fazer. Eles ficaram satisfeitos com o resultado e até uns vizinhos

vieram me procurar. Só não fechamos negócio porque iria ficar muito caro para eles", afirma.

Ainda no exterior, o arquiteto cita um trabalho na Flórida, nos Estados Unidos. Como a clientela brasileira é bem grande naquela região, os empresários de uma construtora o contrataram para ele fazer os apartamentos decorados, bem ao *brazilian style*, uma tática que visa atrair os clientes verde-amarelos.

Aqui, no Brasil, ele ressalta um empreendimento com 28 residências sustentáveis em Atibaia (SP). "As casas são abertas, como *lofts*. Estamos utilizando o *light steel frame*, além de outras soluções sustentáveis, como o sistema individual de tratamento de esgoto, o telhado verde, a captação da água da chuva e o reuso da água", explica. Sobre as construções verdes, Roberto é engajado e aproveita para desmistificar a ideia do alto custo. "Hoje em dia, não está mais tão caro do que as construções convencionais. É que você acaba substituindo o telhado por um sistema de impermeabilização, por exemplo. São composições e substituições que valem a pena porque o investimento acaba voltando depois", ressalta.

Roberto, que já chegou a passar mais de 16 horas no escritório, vive dias mais moderados no trabalho. "Sou mais independente, consigo escolher os projetos que quero trabalhar. Fico no escritório só até às 18h", afirma. Mas, se por um lado está mais sereno, em outro anda a mil por hora. É que Roberto faz questão de passar o tempo livre intensamente. "Adoro esportes e sou de fases. Já tive a fase do mergulho, quando rodei o mundo mergulhando e conheci os melhores pontos do Brasil, do Caribe, das Ilhas Maurício, da África do Sul, e por aí vai. Tive a fase *off road*, quando conheci todos os parques nacionais do Brasil, como a Chapada dos Veadeiros, a Chapada Diamantina e o Jalapão. Isso sem falar da fase do esqui, do voo livre... Olha, posso dizer que conheci o mundo voando, nadando, correndo e do que mais você conseguir imaginar", garante. Ousado, ultramaratonista na vida, sua última aventura registrada foi a travessia da Patagônia... correndo! "Tudo o que um homem precisa é de um desafio. Um cliente me chamou e eu aceitei na hora. Já tive uma equipe de corrida de aventura, fazíamos 60, 80 km entre corrida, bike, natação. Mas esta [na Patagônia] não é brincadeira: são 100 km!", assinala o profissional, que é tão ousado em suas estratégias quanto é na vida.

Roberto Borja

Tel.: (11) 4124-8030

Site: www.robertoborja.arq.br

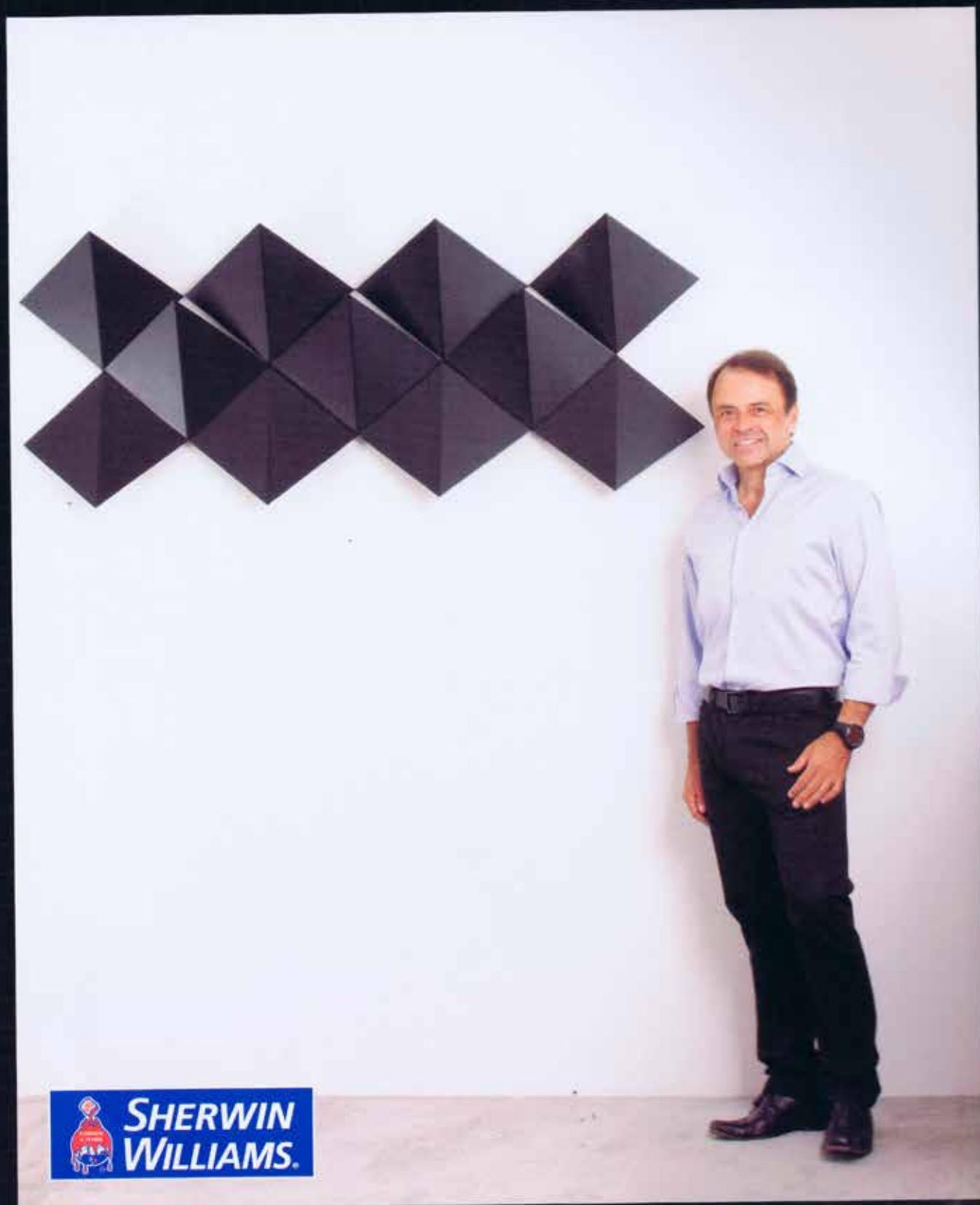
*"A by Kamy tem peças exclusivas
e sofisticadas, que inspiram e
completam os meus projetos"*

Roberto Borja



"Pensou tapete, pensou by Kamy"

www.byKamy.com



"As tintas da Sherwin-Williams são as que possuem maior cobertura. Isso significa que, além de ótima qualidade, acabam sendo mais econômicas", enfatiza o arquiteto Roberto Borja.

Sherwin-Williams

SAC: 0800-702-4037 • Site: www.sherwin-williams.com.br